

DEPOIMENTOS – MESA-REDONDA

O PRIMEIRO COLÓQUIO BRASILEIRO DE MATEMÁTICA – 1957

Componentes da mesa: *Elza Furtado Gomide, Chaim Samuel Hönig, Ubiratan D’Ambrosio, Lindolpho de Carvalho Dias e Alberto Peixoto de Azevedo.*

Tema da Mesa-Redonda: *O Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática no Brasil - 1957*

Evento: *V Seminário Nacional de História da Matemática*

Data e local: *14 de abril de 2003 - Unesp - Rio Claro SP*

Responsável pela transcrição e elaboração do texto: *José do Carmo Toledo**



Resumo. O presente texto trata de algumas narrativas históricas reunidas, a partir da transcrição dos debates ocorridos na mesa-redonda sobre “*O Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática – 1957*”, uma atividade do V Seminário Nacional de História da Matemática, organizado pela Sociedade Brasileira de História da Matemática - SBHMat, nas dependências do Departamento de Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, *campus* de Rio Claro, no mês de abril de 2003¹. Os debatedores dessa mesa foram os renomados professores Elza

* Professor Adjunto do Departamento de Matemática, Estatística e Ciências da Computação – DEMAT da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ e doutorando do PGEM/Unesp/Rio Claro-SP.

¹ A mesa-redonda em referência foi realizada no dia 14 de abril de 2003, de 14h 30 min às 18h.

Furtado Gomide, Chaim Samuel Hönig, Ubiratan D’Ambrosio, Lindolpho de Carvalho Dias e Alberto Peixoto de Azevedo, todos participantes do Primeiro Colóquio.

1. Depoimentos do Prof. Ubiratan D’ambrosio: À Guisa de Introdução.

Como afirmou o Prof. Ubiratan D’Ambrosio, o Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática – realizado em 1957 – deve ser considerado como um marco na matemática brasileira; foi um momento em que, na opinião dele, a matemática brasileira entrou na sua maturidade ou, pelo menos, se preparou para tal. O Brasil, naquela ocasião, pôde reconhecer que tinha pesquisadores em matemática, espalhados pelo território nacional, em vários estados da federação, e que esses pesquisadores, com a realização do Colóquio, puderam se encontrar. Em tempos de *Internet*, aparelhos de telefones, celulares, fac-símile, entre outras possibilidades modernas, assevera D’Ambrosio, fica difícil imaginar que, em 1957, ainda era difícil se comunicar com as pessoas; os contatos telefônicos eram difíceis e toda correspondência se dava pelo correio convencional. Não existindo ainda a máquina xerográfica, o único meio para impressão de materiais didáticos era o mimeógrafo. Além disso, no Brasil da década de 1950, o transporte em geral era feito com enormes dificuldades e limitações. Por isso mesmo, face a todas essas condições precárias, a proeza de reunir gente do Brasil todo – e alguns estrangeiros, que vieram aqui para participar do Colóquio – foi, nas palavras de D’Ambrosio, “uma coisa notável – eu diria – como esforço para a época”. Desse modo, as razões por que se fez esse Colóquio, as conseqüências de sua realização, o planejamento das atividades, entre outros detalhes, foram apontados por D’Ambrosio como de importância capital para a história, em particular para história da matemática. Para ele, o fato deve ser não apenas lembrado, como também registrado – e publicado – a fim de que todos tenham uma percepção desse que foi um momento dos mais fundamentais – ou, talvez, o mais fundamental – na evolução da matemática no Brasil e que oferece, obviamente, possibilidade para outros trabalhos acadêmicos em seguida.

Como ressaltou D’Ambrosio, foi um desafio para a comissão organizadora do 5º SNHM fazer a escolha das pessoas que comporiam a mesa redonda em tela. Por fim, como o objetivo central desse debate seria registrar uma *impressão viva* do que foi o primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática, ponderou-se, então, que seria de fundamental importância convidar pessoas que, de fato, haviam participado desse Colóquio. E assim foi feito.

O Prof. Chaim, da USP – naquele tempo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – foi um dos convidados por ter sido ele a pessoa que concebeu, organizou e coordenou esse colóquio, apoiado por uma equipe muito significativa para a matemática brasileira. Segundo D’Ambrosio, ninguém melhor do que o Prof. Chaim para explicar o que se passou nos bastidores do planejamento do Colóquio.

A Profª Elza Furtado Gomide, também da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, participou ativamente do planejamento do primeiro colóquio. Todos lá no departamento de matemática da USP estavam pensando e planejando o Colóquio, mas a Profª Elza – enfatizou D’Ambrosio – teve participação efetiva nessa atividade, junto com outros colegas, especialmente Augusto Bechara e Carlos Benjamin de Lyra; esse último, aliás, foi uma das pessoas também muito ativas na organização do Colóquio, acentua D’Ambrosio. A propósito, os trabalhos de organização desse evento

tiveram início em junho/julho de '56 para realizar o Colóquio em julho de '57. Um tempo que hoje nos parece uma coisa fantástica, lembra D'Ambrosio. "Como foi possível fazer isso sem *e-mail*, sem telefone, sem xérox?" – indaga. O importante é que foi feito e a Profª Elza Gomide foi convidada, então, para falar das impressões dela, de sua atuação como conferencista no Colóquio e para lembrar ainda a figura especial do Prof. Lyra.

Mas, como destaca D'Ambrosio, não foram apenas os professores que participaram desse primeiro Colóquio. Havia, também, aqueles que iam apenas assistir tais cursos (discentes que seriam chamados, hoje, de estudantes de pós-graduação, os jovens que estavam começando a sua carreira). Por conta disso, considerou-se importante tomar conhecimento das memórias de alguns desses participantes. Como reitera D'Ambrosio, Lindolpho, Alberto Azevedo e ele participaram daquele Colóquio como alunos. Por circunstâncias muito especiais, o Prof. Lindolpho de Carvalho Dias também foi membro da Comissão Organizadora do evento e participou intensivamente de todo o processo de planejamento e execução do colóquio. Outra pessoa que igualmente trabalhou nas etapas de organização do Primeiro Colóquio foi o Prof. Alberto de Azevedo. Por conta disso, o depoimento de ambos, segundo D'Ambrosio, foram considerados de capital relevância.

D'Ambrosio, que esteve em Poços de Caldas nesse Colóquio só para assistir as aulas e aprender matemática, declara que foi esse um dos momentos mais especiais e de grande emoção, não só para a sua vida acadêmica e profissional, mas, também, para a sua vida pessoal. Para ele, foram três semanas que lhe marcaram muito, sob todo ponto de vista.

D'Ambrosio reiterou que esse Primeiro Colóquio foi memorável; todos os participantes se reuniram num mesmo lugar, num hotel – o *Palace Hotel* de Poços de Caldas/MG. "Muitos – e eu me incluo nesses muitos" – observou ele – "não teriam condições de ir para um hotel dessa categoria, se não fosse um evento como esse; um hotel, onde toda noite, pra jantar, nós tínhamos que ir de terno e gravata; durante o jantar, uma orquestra tocava brilhantemente. Hoje, tais privilégios e pompas são quase que impensáveis". Na ótica de D'Ambrosio, esse era o clima: "(...) *nós conseguimos fazer um Colóquio num hotel – o Palace – que, no início do século, era um hotel de padrão internacional, reconhecido por todos, onde funcionava um cassino. Como o cassino havia sido fechado, por conta de uma lei federal, todas aquelas instalações do lugar foram disponibilizadas*". As aulas eram lecionadas no turno da tarde; o período da manhã era dedicado a estudos individuais. Cada um, pela manhã, se preparava para acompanhar as aulas do período da tarde, lembra ele. Além dos cursos, foram realizadas algumas conferências, num ambiente acadêmico do mais alto nível, num local muito agradável (do ponto de vista do convívio). Assim, todos lá se reuniram, durante 21 dias (três semanas) – possibilitando um encontro. Como observa D'Ambrosio, "(...) o dia inteiro nós só falávamos sobre coisas ligadas ao Colóquio e aos temas escolhidos. Foi efetivamente, um momento – na minha vida pessoal – de ponta e referência e, para a Matemática Brasileira, sem dúvida, foi um marco".

2. Depoimentos do Prof. Chaim Samuel Hömig.

Depois dessas declarações e testemunhos, e da composição da mesa redonda em tela, o Prof. D'Ambrosio deu a palavra ao Prof. Chaim que, inicialmente, agradeceu à Comissão da Sociedade Brasileira de História da Matemática, pela honra de ter sido convidado para

falar sobre o Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática. Ele começou dizendo que o Prof. Ubiratan já havia conseguido traçar um panorama histórico do evento e que, por isso, não faria menção a esses aspectos para evitar repetição. Da “pré-história”, Chaim disse o seguinte:

Prof. Chaim: (...) as primeiras reuniões de matemática, no sentido de matemática moderna, como nós a entendemos hoje – eu não gosto da palavra “moderna”, não é? – foram no ITA², começaram no ITA, em 1952. O Chefe do Departamento de Matemática conseguiu casas no ITA para receber as pessoas interessadas em ir lá e ficar um mês só pra fazer o que quisesse em matemática. Éramos dez os que fomos lá. A primeira reunião durou um mês e ficamos lá, em São José dos Campos, com casas à nossa disposição.

O passo seguinte – esclareceu Chaim – foi a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, em 1956, em Ouro Preto.

Prof. Chaim: Eu fiz uma conferência lá, e no fim da conferência, me fizeram um monte de perguntas sobre a chamada “matemática moderna” (topologia, álgebra etc.). Eu fiquei surpreso com esse interesse por essas áreas e, na volta, eu passei pelo Rio e falei com o Prof. Leopoldo Nachbin³ do interesse que havia e que eu achava interessante fazermos uma reunião de matemática, com certa duração – duas ou três semanas –, e que fossem dados cursos sobre essas disciplinas. E voltei pra São Paulo. O Prof. Nachbin⁴ imediatamente falou com o Prof. Couceiro no CNPq e cheguei em São Paulo e encontrei um telegrama informando que tinha sido aprovado 500 mil... (não sei qual a moeda da época) para o evento. Então a gente tocou as coisas pra frente.

Chaim também fez menção a alguns detalhes pitorescos, além dos que já haviam sido dados por D’Ambrosio. Disse ele:

Prof. Chaim: (...) naquela época, eram muito raras as viagens Brasil a fora. Então, para os convidados do norte e nordeste, entre outros, foi preciso alertar para que levassem roupas de inverno pra Poços de Caldas. As condições climáticas que havia no sul eram completamente desconhecidas. De fato, em Poços de Caldas, muitas vezes a temperatura descia abaixo de zero, não é? Então, é claro, tinha que ter roupas de inverno.

E Chaim passou a comentar sobre alguns aspectos do Primeiro Colóquio. Lembrou ele que foram dados seis cursos, com o seguinte detalhe:havia. Havia o acordo de que os tais cursos tinham que ser redigidos com antecedência.

² ITA - Instituto Tecnológico de Aeronáutica. É o órgão de ensino superior do Comando da Aeronáutica, hoje, Comando da Aeronáutica. Localizado em São José dos Campos/SP, esse Instituto foi criado pelo Decreto no 27.695, de 16 de janeiro de 1950, definido pela Lei nº 2.165, de 05 de janeiro de 1954.

³ Leopoldo Nachbin (1922-1993) graduou-se em Engenharia pela Universidade do Brasil. No início dos anos 1950, destacou-se como o primeiro matemático do Brasil de renome internacional, tendo sido pioneiros os seus trabalhos sobre “Holomorfia em dimensão infinita”. Figura conhecida em todo mundo, Nachbin era detentor da importante cátedra ‘*Eastman Professor of Mathematics*’ na Universidade de Rochester, nos Estados Unidos. Seguramente, a obra e a influência de Nachbin foram decisivas para o desenvolvimento da Matemática brasileira e para a sua projeção no âmbito internacional.

⁴ É oportuno registrar que, em 1956, quando o Prof. Chaim procurou o Prof. Nachbin, este estava exercendo o cargo de Diretor do *Setor de Pesquisas Matemáticas* do CNPq.

Prof. Chaim: Acima de tudo, com antecedência, porque senão muito pouco sobrava... muito pouco se aproveitava dos cursos. Isso foi aprovado pela Comissão e isso foi mantido em todos os futuros colóquios. E também é o que é faz, por exemplo, o Seminário Brasileiro de Análise, que foi criado em '75, com duas reuniões por ano: o curso tem que ser redigido (curso e conferência) com antecedência.

Para Chaim, esse detalhe precisa ser destacado uma vez que, na sua opinião, ele assegura um bom aproveitamento dos eventos. No caso do Colóquio, isso deu origem à literatura matemática brasileira.

Prof. Chaim: Antes disso, não havia cursos redigidos; não havia livros de matemática avançada etc. Com isso, só em '57, nós tivemos seis cursos redigidos e, depois, em todos os colóquios, isso se repetiu, dando lugar, então, como eu disse, à literatura matemática brasileira.

A duração do evento, reitera, foi de três semanas. Os cursos tinham de cinco a quinze exposições e foram os seguintes, detalhou Chaim:

Prof. Chaim: Um curso foi o do Prof. Carlos Benjamim de Lyra – **Topologia Algébrica**; depois, um Curso de **Análise Funcional** que tinha quinze exposições com os seguintes tópicos: o Prof. Nelson Onuchic deu *Espaços de Banach e Espaços de Hilbert*; o Prof. Domingos Pizanelli e o Prof. Cândido Lima da Silva Dias deram *Introdução a Espaços Vetoriais Topológicos e suas Aplicações à Análise Funcional*; o Prof. Pereira Gomes deu o curso *Elementos de Teoria das Distribuições*; o Prof. José de Barros Neto deu o curso de *Espaços Vetoriais Topológicos*. Além disso, aconteceram também os seguintes cursos: o Prof. Luiz Henrique Jacy Monteiro deu um curso de *Teoria de Galois*. (Todos transformados em livros). O Prof. Fernando Furquim de Almeida deu um curso de *Teoria dos Números*; eu dei um curso de *Álgebra Multilinear e Variedades Diferenciáveis*; o professor francês Reeb deu o curso *Variedades Folheadas (Variétés Feuilletés)*. Além disso, houve uma conferência com o professor chinês Cheng (mas esse não foi redigido). Depois foram publicados os conteúdos de três conferências isoladas. Na realidade, houve quinze conferências: muitas delas – a maioria delas – não foi redigida. Um aspecto que o Ubiratan lembrou é que esses cursos pré-redigidos foram em algo que talvez a maioria de vocês não conhecem, que é o mimeógrafo. Ficávamos girando a manivela para imprimir todos esses volumes.

Continuando a elencar dados, Chaim observou que o Primeiro Colóquio teve quarenta e nove participantes, tendo contado com auxílio financeiro do CNPq e da CAPES. Os auxílios, segundo ele, “foram generosos e deram perfeitamente para cobrir a estada em Poços de Caldas, transporte etc.”. Para Chaim, uma pergunta que é feita muitas vezes é “*Qual foi o critério para a escolha dos cursos do Colóquio?*” De maneira pragmática, ele simplesmente lembrou que não havia critérios para a escolha dos cursos. Segundo nos conta, “foram convidados para dar cursos todas as pessoas que trabalhassem em matemática que era considerada atual”. E ponderou que, naquela época, as atividades matemáticas eram desenvolvidas, em geral, nas Escolas de Engenharia. Só que o que eles ensinavam, alerta Chaim, era a matemática de um século, um século e meio atrás. Havia pessoas isoladas, antes, que se interessavam pela matemática atual. Quer dizer, havia o Souzinha (Gomes de

Souza) – isso é mais de um século antes; depois, havia algumas poucas pessoas, no século passado, como Lélío Gama (que escreveu um livro de Teoria de Conjuntos e Topologia que seria perfeitamente aceitável até hoje), Oto de Alencar, e mais alguns, que por conta própria, se interessavam pela boa matemática que era feita na época. E, em São Paulo, havia o Teodoro Ramos. O Teodoro Ramos escreveu, inclusive, um livro, em francês, de Cálculo Vetorial, publicado na França. Chaim reiterou que ninguém foi excluído desse Colóquio. Os professores e estudantes envolvidos com áreas tidas como ‘matemática moderna’ foram todos convidadas, destaca. Hoje em dia, as coisas mudam completamente: há tantas pessoas trabalhando em matemática atual que não é possível ter um evento em que todos eles sejam convidados.

Prof. Chaim: Aliás, a coisa evoluiu a tal ponto que, hoje em dia, você tem reuniões separadas: Escolas de Análise, Seminários de Análise, Escolas de Álgebra, Escolas de Geometria e assim por diante. Não é mais possível ter um evento em que se juntem todas essas pessoas.

Lembrou Chaim, ainda, que os cursos oferecidos no 1º Colóquio eram absolutamente aceitáveis em nível internacional. Todos eles poderiam ser dados em qualquer lugar. Em mais da metade dos casos, as pessoas eram pesquisadores da área, com pesquisas inéditas. Os cursos que saíram nos volumes publicados no Colóquio eram sobre tópicos de pesquisa que eles estavam de fato desenvolvendo.

Prof. Chaim: Por exemplo, o Prof. Pisanelli e o Prof. Cândido. Eles publicaram resultados de pesquisas que eles estavam fazendo e com repercussão internacional. Claro, mesma coisa é o do Prof. Reeb – Variedades Folheadas; esse era um assunto que estava surgindo naquela época.

3. Depoimentos da Prof.^a Elza Furtado Gomide.

Sugerindo que as perguntas fossem deixadas para o final, o Prof. D’Ambrosio deu a palavra à Professora Elza Furtado Gomide que começou dizendo que o Prof. Chaim havia falado muito pouco sobre a importância do Colóquio e as consequências que esse evento causou para a área de pesquisa em matemática, no Brasil. Para Gomide, o Prof. Chaim, por ter sido o “pai do Colóquio”, certamente ficara constrangido em falar da importância do “filho” dele. De fato, lembra Gomide, esse Colóquio teve realmente um impacto muito significativo e talvez muita gente nem tenha tido consciência disso. “Depois” – afirmou – “esses efeitos foram sendo sentidos, uma vez que, na sucessão dos Colóquios, cada um tinha muito mais gente do que o anterior”. Com essa constatação, Gomide lembra que, depois do Primeiro Colóquio, em 1957, a matemática brasileira teve uma dinâmica de crescimento notável. Segundo ela, o Prof. Ubiratan já havia mencionado alguma coisa sobre as condições de produção dos trabalhos. Mas, acrescenta, havia também, muito evidente, uma diferença entre os ambientes matemáticos; naquele tempo – observou Gomide – havia centros tão isolados que os contatos desses profissionais com as atividades do Colóquio permitiu-lhes surpresas incríveis. Finalmente, eles puderam ver o que era, realmente, um ambiente matemático.

Para Gomide, o fato de terem sido exigidas as redações dos cursos, com antecedência, contribuiu notavelmente para a construção de uma literatura matemática produzida no

Brasil. Gomide enfatizou que, naquela época, era insignificante o número de trabalhos matemáticos escritos em português do Brasil. Além disso, acrescentou:

Prof.^a Elza: o contato que se teve, naquelas três semanas, em que ficávamos todos reunidos – com professores de alto nível, de todos os ambientes, dos Estados Unidos ou da Europa – também teve uma importância muito grande.

Aproveitando o ensejo, Gomide disse quealaria um pouco sobre o Prof. Carlos Benjamin de Lyra. Introduziu sua fala, dizendo que

Prof.^a Elza: o Carlos Lyra teve uma importância muito grande e é quase desconhecido. Porque ele trabalhava numa área, topologia algébrica – que, ainda hoje, tem poucos representantes – e, naquele tempo, não tinha quase que nada. Talvez o Prof. Cândido tenha dado o primeiro curso de topologia algébrica no Brasil e esse curso teria influenciado muito o Lyra na escolha da carreira dele. Assim, ele se tornou um topólogo algébrico de grande relevo e produziu diversos textos importantes (...) Lyra foi uma personalidade diferenciada. Ele havia residido muitos anos nos Estados Unidos, quando criança, onde havia feito até o curso secundários. Em seguida, ele veio ao Brasil – terminada a *High School* – para prestar o serviço militar, o que significava uma escolha de nacionalidade. Ele tinha uma bagagem incrível de matemática, apesar de ter, apenas, nessa época de sua vida, o diploma de *High School*. Acontece que ele tinha contatos pessoais com professores de alto nível e que se dispunham a conversar com ele sobre matemática. (...) o Lyra, ainda estudante de *High School*, tinha contatos com Richard Courant, que era um grande matemático, alemão, que estava nos Estados Unidos fugido da Alemanha nazista. Eles viajavam juntos de trem porque ambos moravam no subúrbio e iam até Nova Iorque. O Richard Courant ia para o Instituto que ele fundou lá nos Estados Unidos e o Lyra ia para a *High School*. Só que, nessas viagens, eles conversavam sobre matemática. O Courant tinha esse dom de conversar de matemática e teve grande importância na escolha da carreira do Lyra. Por conta disso, o Lyra chegou aqui no Brasil desse modo: apesar de não ter qualquer diploma de nível superior de matemática, tinha, em compensação, uma grande e significativa bagagem matemática. Quando ele chegou a São Paulo, teve contato com o primeiro Boubarki – o André Weil – e, também, com o Prof. Zariski [Oscar Zariski] (um importante americano, que não fazia parte do grupo Boubarki). Assim, o Prof. André Weil, um matemático de renome, também conversou muito com o Lyra, em passeios pelo bairro onde morava. Foi só depois disso que o LYRA entrou na Universidade de São Paulo e fez o curso de graduação na USP. Ele fez o curso com enorme brilhantismo. Depois ele foi umas duas vezes à França, voltou, mais tarde, aos Estados Unidos (para o Institute of Advanced Studies) e se formou como um excelente matemático, nessa especialidade que ele tinha escolhido, que era praticamente inexistente no país – a Topologia Algébrica. Até agora, ainda há poucos representantes nessa área. E ele não foi só isso. O Lyra teve muitas habilidades. Com essas atitudes de interesse pela matemática que ele tinha revelado já tão cedo, trabalhou na difusão da ciência brasileira, ajudando em todos os ramos. A prova disso é que ele foi eleito pra Academia Brasileira de Ciências - ABC, com uma votação efetivada no país inteiro, entre os cientistas de todas as áreas. Ninguém havido, até então, tido uma votação tão expressiva. Não sei se depois houve, mas acho importante reiterar que o Lyra

teve a maior votação da história, naquele momento, para a ABC. Nada mais justo porque ele era conhecido por suas atividades em prol da ciência. Infelizmente, ele morreu muito cedo e deixou poucas memórias. Em parte por causa da sua atuação, como matemático, num ramo que tem poucos representantes. O Ubiratan, que era um dos poucos matemáticos que trabalhava com topologia algébrica, conhecia o Lyra; já tinha lido os livros do Lyra, no Colóquio. Muitos poucos o conheceram. E ele teve uma atuação, também, na definição da carreira universitária na USP, na Associação dos Auxiliares de Ensino da USP, que desenharam a carreira acadêmica dentro da Universidade de São Paulo. Uma carreira difícil, com muitos degraus. O próprio LYRA, ao morrer, não tinha chegado ao topo da carreira porque ele morreu muito cedo; ele morreu após atingir o penúltimo nível da carreira, que depois deixou de existir, antes do título de professor titular. Então esse é o perfil que eu posso traçar do Prof. Lyra. (...) não sei muito exatamente o que o Lyra fez em matemática superior; mas, ele deve ter feito muito. O Lyra e o Chaim, me lembro, tinham conversas intermináveis. A gente, no Departamento de Matemática, via os dois constantemente conversando sobre o Colóquio. Durante todo aquele 1956 – que foi o ano da organização do Colóquio – eles tiveram diálogos intensos. Então o Lyra deu um curso, depois veio a coordenar a comissão organizadora do segundo Colóquio. Sem dúvida, ele teve uma atuação destacada em todos os Colóquios de que participou e em tudo que se desenhou a partir de então.

Continuando seus depoimentos, Gomide mencionou o nome de outro importante matemático que também falecera muito cedo (um ano depois do Lyra): o Prof. Luiz Henrique Jacy Monteiro. Como observou Gomide,

Prof.^a Elza: Jacy Monteiro era mais conhecido, dado que ele teve atuação no ensino secundário. Ele produziu trabalhos incríveis. Era, de fato, um excelente matemático e foi muito atuante na criação da biblioteca do Instituto de Matemática. Ele trabalhava na confecção de textos porque – conforme o UBIRATAN já falou – a gente não tinha equipamentos adequados. Todos podem imaginar as dificuldades de você ter um texto escrito, mimeografado na manivela... O Jacy, felizmente era forte, datilografou e mimeografou infinitas apostilas, livros, textos etc. e ajudou, então, a criar essa literatura matemática, que era quase inexistente. Ele foi também o coordenador de um Colóquio posterior e fez parte da comissão que organizou o Primeiro Colóquio. Trabalhou muitos em vários colóquios, deixando um legado intelectual que precisa ser reconhecido. E era sobre essas duas figuras essenciais (o Lyra e o Jacy Monteiro) que eu queria falar para que não se perca nunca essa memória. Ambos contribuíram muito para a realização dos Colóquios de Matemática.

4. Depoimentos do Prof. Lindolpho de Carvalho Dias.

O Prof. Lindolpho de Carvalho Dias, ao começar sua fala, agradeceu aos dirigentes da Sociedade Brasileira de História da Matemática pelo convite para participar do V Seminário Nacional de História da Matemática.

Prof. Lindolpho: (...) o primeiro Colóquio foi realizado numa época em que o Brasil era um outro país. De lá para cá, o Brasil mudou radicalmente. Pra se ter idéia, em '57, havia no Brasil cerca de setenta mil alunos de graduação. Por exemplo, eu tinha recém-formado

na Escola de Engenharia, em '54. Quando comecei meu curso, havia 300 vagas para a Engenharia, no Grande-Rio, inclusive Petrópolis. Hoje, acho que são mais de 6.000 vagas nessa região. A evolução do número de alunos de graduação, naquela época, de 70 mil para três milhões, atualmente, dá uma idéia da época de que estávamos falando, ao lembrarmos do primeiro colóquio. A pós-graduação não existia no Brasil, nessa época. Na verdade, havia títulos de doutor, dados pelas Universidades, mediante apresentação de umas teses; entretanto, não havia um programa de doutorado. Mestrado não existia. Os primeiros títulos de mestre foram concedidos por volta de '63, na Escola de Viçosa e também, depois, em outros lugares. Hoje, nós estamos com 150 mil alunos de pós-graduação; formamos 6 mil doutores, ano passado, e aproximadamente 18 mil mestres. Portanto, nós temos mais do dobro de alunos de pós-graduação, hoje, do que tinha de graduação naquela época. Isso mostra bem a situação que se tinha. (...) A indústria brasileira, naquele tempo, ainda era incipiente. Em '57, eu havia me mudado para um apartamento e comprei uma geladeira. Foi uma das primeiras geladeiras que estava sendo fabricada no Brasil porque, até então, não se sabia fazer geladeira. Até mesmo o compressor era importado. Já se pensava em montar automóveis no Brasil. Havia montagem de automóvel pronto, que vinha desmontado do exterior. Ao norte de Belo Horizonte, se eu não me engano, com o nome de Universidade, só tinha a da Bahia e a do Recife, hoje, Universidade Federal de Pernambuco. A do Ceará também foi inaugurada nessa época, por volta dos anos 1960. Não havia nenhuma Universidade ao norte de Belo Horizonte. Em '51, tinha sido criado o CNPq. Aliás, vale lembrar que, após uma análise da situação da matemática no Brasil, incluída num relatório feito pelo Prof. Cândido da Silva Dias, o CNPq, um ano depois de criado, decidiu criar o Instituto de Matemática, Pura e Aplicada, em '52. De modo que, em '57, o IMPA tinha 5 anos. Isso dá uma idéia sobre o que existia, na época, completamente diferente do que se tem hoje.

Embora o Prof. Chaim e o Prof. Ubiratan já tivessem feito menção a respeito, Lindolpho acrescentou que a idéia principal, envolvida na realização do primeiro Colóquio, era promover o encontro dos poucos matemáticos que havia no Brasil. Para dar uma noção sobre a infra-estrutura do país, naquela metade do século XX, ele contou que era insupportável tentar fazer um contato telefônico.

Prof. Lindolpho: Falar pra Porto Alegre era via rádio. O dia que estava com uma turbulência, não se falava direito. Pra falar com Belém, no Pará, parecia que tomávamos parte de uma sessão espírita em que a pessoa não estava bem convertida. O espírito não baixava! (...) apesar das dificuldades gerais, houve a convicção de que seria importante reunir as pessoas e, como já foi descrito pelo Chaim, por outro lado, já havia um grupo pequeno, mas de muito boa qualidade, trabalhando com pesquisa em matemática no Rio e em São Paulo. Havia também um núcleo em Pernambuco e algumas pessoas em Porto Alegre. Assim, foi possível partir para a organização desse primeiro Colóquio. Esse evento marcou decisivamente o futuro dos Colóquios porque ele foi muito bem organizado.

O Prof. Lindolpho, aproveitando a menção feita pelo Prof. Ubiratan, reiterou que eles dois mais o Prof. Alberto Azevedo, apesar de serem ainda estudantes de graduação, já vinham assistindo cursos no IMPA. Eram cursos pensados para depois da graduação, mas não eram, de fato, cursos organizados num programa de pós-graduação.

Prof. Lindolpho: Eu até acabei fazendo parte da comissão do primeiro Colóquio, fato esse ocasional. É que, como sou nascido em Poços de Caldas, com tinha família naquela cidade, fui tomado como um elemento de ligação entre a comissão e as autoridades de Poços. Essa foi a razão para eu ter feito parte da referida comissão. Aproveitando a oportunidade, gostaria de deixar bem claro que não fui eu quem sugeriu que o Colóquio fosse realizado em Poços de Caldas. Há quem diga que eu sugeri essa idéia e isso não é verdade. O que aconteceu foi o seguinte: a idéia inicial era fazer a reunião em São José dos Campos; mas por alguma razão isso não foi possível. Pensou-se, depois, no *campus* da Universidade Rural do Rio de Janeiro, o que também não pôde se concretizar. Pensou-se, em seguida, em realizar o Colóquio em São Carlos. Foi quando o Prof. Cândido, que conhecia bem Poços de Caldas, sugeriu a idéia de fazer em Poços de Caldas. Portanto, que fique bem claro: a idéia de fazer o primeiro Colóquio em Poços de Caldas do Cândido. O fato de eu ser de lá, me levou a fazer parte da Comissão. Apesar do número pequeno de pessoas que compareceram ao Colóquio – umas 49 pessoas (coloque pelo menos mais umas 4 ou 5 que foram lá para fazer conferências, pessoas extremamente importantes para a matemática brasileira. Vale a pena, inclusive, registrar o nome desses conferencistas: Prof. Achille Bassi só foi a Poços pra fazer uma conferência (ele que era da Escola de São Carlos); outros conferencistas do Colóquio: Omar Catunda, na época, professor da USP; o Prof. Carlos Alberto Aragão de Carvalho da Escola de Filosofia do Rio; o Cecconi [Jaurèz P. Cecconi] da Escola de Engenharia de Engenharia de São Carlos; Elza Gomide da USP; Maurício Matos Peixoto, da Escola de Engenharia do Rio e do IMPA; Paulo Ribenboim, que na época estava no IMPA; o Ubaldo Richard que também estava na Universidade de São Carlos (veja como a Escola de São Carlos já estava ativa nessa época!); Flávio Reis do Instituto Tecnológico da Aeronáutica; o Prof. Miguel Maurício da Rocha, de Belo Horizonte e o Mário Schenberg. Esses foram os onze que fizeram conferência, todas de bom nível, como já foi dito.

Como o primeiro Colóquio, em 1957, logrou êxito, lembra o Prof. Lindolpho, ficou combinado de se fazer um outro evento daí a dois anos. E a partir dessa época, tal dinâmica passou a ser adotada.

Prof. Lindolpho: Ficou, desde então, acertado que o Colóquio seria bianual e, neste mês julho, nós vamos ter o 24º Colóquio Brasileiro de Matemática – quarenta e seis anos depois do primeiro. A participação vem aumentando desde então e, hoje, a lista de presença nos colóquios registram mais de mil participantes. Até um certo momento, o Colóquio em geral foi feito em Poços de Caldas; o terceiro foi feito em Fortaleza. Como houve uma certa dispersão, voltou-se a realizá-lo em Poços de Caldas. Com a construção da atual sede do IMPA, a partir de oitenta e poucos – ‘85 creio – é que se levou o Colóquio para a cidade do Rio de Janeiro. A que se observar, nesse processo, que o evento, com o passar dos anos foi se tornando mais especializado, com um nível mais alto, resultante do desenvolvimento do país. O número de participantes cresceu como cresceu o sistema brasileiro; como eu disse, acho que o último teve umas mil e duzentas pessoas; comparado com os cinquenta “gatos-pingados” de 1957...

O Prof. Lindolpho ainda trouxe à consideração da mesa redonda que o primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática, além de ter inaugurado um espaço de reunião dos matemáticos

que estavam ativos em pesquisa no país – e alunos também –, serviu de palco para a tomada de algumas decisões importantes para a institucionalização da pesquisa matemática no país. Lembrou ele que a criação da Escola Latino-americana de Matemática foi pensada e aprovada durante a realização do Colóquio de 1967, a sexta edição do evento. Outra proposta que já vinha sendo amadurecida no ambiente dos primeiros Colóquios era a criação de uma Sociedade Brasileira de Matemática. Havia a Sociedade Matemática de São Paulo. O fato é que a Sociedade Brasileira de Matemática foi criada durante o 7º Colóquio, em 1969. Encerrando sua participação na mesa redonda em comentário, o Prof. Lindolpho informou que tinha em suas mãos uma cópia do Relatório elaborado pelo Prof. Chaim e aprovado pela comissão organizadora do primeiro Colóquio. No final do referido documento – no item “recomendações” – assim está expresso: “A Comissão de Organização endossa a sugestão unânime de que se deva realizar um 2º Colóquio Brasileiro de Matemática daqui a dois anos, o que permitirá, inclusive, a plena efetivação dos planos e trabalhos elaborados neste Colóquio; deseja ainda que seja adotada, em futuros colóquios, a entrega prévia de notas mimeografadas dos cursos programados.”. Recomenda, ainda, “...que tais colóquios tenham duração de duas a três semanas...” (“hoje isso já passou para uma semana”, alertou o Prof. Lindolpho); o relatório também recomenda “...que fica a cargo do IMPA a eventual constituição de uma comissão de organização para os futuros colóquios”.

No item “observações” – agora de caráter geral – o relatório destaca o seguinte:

“1. A necessidade urgente de criação de uma literatura matemática brasileira de nível superior. Uma solução parcial, imediata, será a publicação de notas mimeografadas, apresentando cursos intermediários e de introdução à pesquisa para o leitor matemático brasileiro, nos diversos setores da matemática. 2. A necessidade de intercâmbio de professores entre os diversos centros regionais. Devido às dimensões verdadeiramente continentais do nosso país, tal intercâmbio só será possível com o apoio financeiro das entidades competentes. O início para o intercâmbio poderá se dar durante os períodos de férias e, futuramente, por períodos mais demorados. 3. Ampliação de concessão de bolsas dentro do país que permita o estudante avançado, dos centros mais distantes, permanecer em centros como no Rio de Janeiro e São Paulo para assistir cursos intensivos.” [Repare, como destaca o Prof. Lindolpho, que ainda não se falava em pós-graduação]. *“4. Tornar possível aos pesquisadores, por meio de bolsas adequadas, a saída periódica ao estrangeiro a fim de não perder contato com o desenvolvimento da matemática nos grandes centros internacionais.”* (Aliás, nessa época, lembra o Prof. Lindolpho, o CNPq, recém-criado, já vinha fazendo um programa intensivo, dentro das orientações da época, de mandar pessoas pra fazer pós-graduação no exterior). *“...Seria do mais alto interesse, insistir junto às autoridades universitárias da importância pra pesquisa que tem a instituição do ano sabático, com vista de possibilidade de viagem, de estudo e dedicação plena à pesquisa. 5. A importância e necessidade da presença, nos centros do país, de matemáticos estrangeiros, por períodos longos ou curtos. 6. A necessidade de incentivar e ampliar os atuais periódicos de matemática no Brasil.”* (Na época, havia dois que era a ‘Summa Brasiliensis Mathematicae’ e o ‘Boletim da Sociedade Matemática de São Paulo’, ambos extintos, mas que funcionaram, como reitera o Prof. Lindolpho).

O Prof. Lindolpho leu, também, a relação da comissão organizadora, formada por Alexandre Martins Rodrigues, de São Paulo, Alfredo Pereira Gomes, que estava em Pernambuco (matemático português, que estava trabalhando em Pernambuco), Antônio Rodrigues, do Rio Grande do Sul, Cândido Lima da Silva Dias, da USP, Carlos Benjamin de Lyra, da USP, Chaim Samuel, da USP (e Coordenador), Fernando Furquim, também da USP, José Barros Neto (que, nessa época, estava na Economia da USP), eu [Lindolpho], Luiz Henrique Jacy Monteiro, da USP, Maurício Matos Peixoto, do IMPA e Paulo Ribenboim que estava no IMPA.

Além disso, a partir de um documento que tinha em seu poder, recuperou os seguintes dados:

CIDADE DE ORIGEM	NÚMERO DE PARTICIPANTES DO 1º CBM
Rio de Janeiro	12
São Paulo	11 { 9 da Faculdade de Filosofia 2 da Faculdade de Ciências Econômicas da USP
São José dos Campos	7
São Carlos	4
Porto Alegre	5
Recife	4
Fortaleza	3
Campinas	1

“Essa é uma visão muito rápida sobre o que ocorreu”, disse o Prof. Lindolpho, em seus encaminhamentos finais.

Prof. Lindolpho: Tenho certeza de que o Colóquio é uma das poucas reuniões organizadas que tem tido, nesse país, essa duração e essa regularidade. No passado, nós passamos por momentos bem difíceis. O 4º Colóquio, por exemplo, que eu coordenei, foi terrível. Nós só acertamos o dinheiro desse Colóquio dez dias antes da data marcada para o seu início. Eu já havia preparado até telegrama que comunicaria a suspensão daquele Colóquio. Mas aí o CNPq nos atendeu e fizemos o Colóquio. Outros tiveram mais sucesso, alguns menos, mas, eles sempre foram realizados desde 1957, de dois em dois anos, sem qualquer interrupção. Acho que o Colóquio foi fundamental para a matemática brasileira. Vários outros tipos de reuniões, como o Seminário de Análise, de Álgebra etc., que hoje tidos como comuns aqui no Brasil, não surgiram de uma hora para outra. Por isso, entendo que o Colóquio continua sendo um marco no desenvolvimento da matemática brasileira.

Nesse momento, o Prof. Ubiratan deu a palavra ao último membro da mesa redonda: Prof. Alberto de Azevedo.

5. Depoimentos do Prof. Alberto de Carvalho Peixoto de Azevedo.

O Prof. Alberto lembrou outra vez que tanto ele quanto o Prof. D'Ambrósio haviam participado do Colóquio na condição estrita de estudantes que eram na época. Portanto, ele informou que se restringiria a lembrar alguns pontos que lhe chamaram a atenção, enquanto estudante.

Prof. Alberto Azevedo: Eles certamente já foram mencionados pelos outros aqui da mesa. Acho que praticamente todos os aspectos ocorridos no primeiro Colóquio já foram abordados; mas eu queria destacar alguns que eu guardo como recordação, do ponto de vista da minha condição de aluno. O Primeiro Colóquio, todos sabem, foi realizado em Julho de '57, em Poços de Caldas, Minas Gerais. Quando eu recebi o convite para participar dessa Mesa Redonda, vi-me frente ao desafio de coletar lembranças de fatos ocorridos há quase 46 anos, tentando reviver minha experiência como participante daquele encontro. Por outro lado, sem dúvida, esta é uma boa oportunidade para tentar avaliar o significado do Primeiro Colóquio para o desenvolvimento da matemática brasileira, decorrido tantos anos. Diversos dos meus colegas de Mesa, já abordaram alguns desses aspectos. Formei-me em Engenharia Eletrônica, em dezembro de '55, decidido a seguir uma carreira como matemático. Comecei minha carreira como estagiário do IMPA, em março de '56, usufruindo de uma bolsa de aperfeiçoamento do CNPq. Nessa época, o IMPA havia sido fundado a menos de cinco anos. A partir de '57, fui terceiro assistente do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Nessas atividades, participei de seminários, desenvolvi estudos individuais e cursei duas disciplinas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil. Era, na época, o que hoje em dia se chama 'um estudante de pós-graduação'. Ocorre que, naquela época, o termo não era usado e nem existia um Curso de Mestrado em Matemática no Brasil. Um bom número dos participantes do Colóquio – desse Primeiro Colóquio – tinha experiência matemática semelhante à minha, essa que eu acabo de descrever. Quem consultar a relação dos participantes verá meu nome, o do Ubiratan e de muitos outros. Nós estávamos exatamente nesta situação. No decorrer do primeiro semestre de '57, acompanhei com interesse e entusiasmo as notícias sobre a próxima realização do Primeiro Colóquio em Poços de Caldas, através das circulares elaboradas pela Comissão Organizadora e que eram enviadas para as diferentes instituições brasileiras de matemática. Fomos para Poços de Caldas. O primeiro grande impacto do Colóquio foi, sem dúvida, conhecer outros matemáticos brasileiros. Até então, eu só conhecia matemáticos do Rio – do IMPA, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, da Escola Nacional de Engenharia e da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil – e, durante a minha graduação, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos. Nessa época, viajar era difícil, no Brasil. Os deslocamentos de uma cidade a outra não eram comuns como hoje em dia. A rede rodoviária brasileira era bem mais modesta. Basta dizer que, naquela época, havia uma linha aérea entre o Rio e Poços de Caldas. Alguns de nós fomos para Poços de Caldas de avião porque o transporte rodoviário era realmente muito ingrato. O Colóquio foi uma oportunidade única para conhecer matemáticos de outros cantos do Brasil: do Ceará, de Pernambuco, de São Paulo – tanto São Paulo capital, como de Campinas, São Carlos e São José dos Campos – e do Rio Grande do Sul. Era um embrião da comunidade matemática brasileira. E é um fato bastante celebrado que a comunidade matemática brasileira possui um alto grau de integração. Essa

integração teve início no Primeiro Colóquio e foi intensificada nos colóquios posteriores. O ambiente do *Palace Hotel* facilitava o contato entre as pessoas, propiciando troca de idéias e de experiências. Sem dúvida, o alto grau de integração da comunidade matemática brasileira foi um dos fatores determinantes de seu desenvolvimento e o Primeiro Colóquio foi um marco neste processo. (...) Um segundo ponto a comentar são os cursos. Todos eles redigidos de antemão e abrangendo diferentes campos da matemática: Teoria dos Números Algébricos, Teoria de Galois, Geometria Diferencial, Álgebra Multilinear e Variedades Diferenciáveis, Topologia Algébrica, Análise Funcional (estou me referindo aos cursos dos quais eu participei; afinal, houve outras atividades de nível mais elevado). Ter os cursos totalmente redigidos – e impressos – por ocasião do início das atividades tornou-se uma tradição mantida em todos os colóquios posteriores. Foi o início da construção de uma vasta literatura matemática em português. Com aulas diárias, o empenho dos participantes era notório. O período da manhã era livre e grupos de estudos trabalhavam, horas a fio, tanto pela manhã como à noite, para poder acompanhar as aulas. A concentração dos participantes em um único hotel facilitou – e muito – essa interação. Havia muito empenho e muito entusiasmo. Nos estados de origem, não eram oferecidos cursos de nível equivalente. Além dos cursos, o Colóquio contemplava também um ciclo de conferências. Este modelo – cursos em diferentes níveis: elementar, médio e avançado; conferências e prioridade na participação de jovens no início de suas carreiras (que mais tarde contemplou, inclusive, alunos em nível de graduação) – tornou-se uma marca registrada dos colóquios. Este modelo serviu de paradigma na organização das futuras escolas. (Estou me referindo às Escolas de Álgebra, de Geometria, de Topologia, entre outras, e que, hoje em dia, fazem parte do calendário de reuniões matemáticas brasileiras. Nesse sentido, o Colóquio foi inovador e serviu de mola propulsora na ampliação da Comunidade Matemática Brasileira. Essas considerações mostram a importância do Primeiro Colóquio: expansão da comunidade matemática brasileira – isto é, o alto grau de integração dessa comunidade – e a existência, hoje em dia, de uma boa literatura matemática em português. Tudo isto está intimamente ligado ao processo desencadeado no primeiro colóquio. Todos esses resultados foram frutos desse formato inovador dos colóquios. O Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática realmente marcou minha carreira. Sempre me lembrei desse acontecimento no desenvolver da minha carreira como matemático. Concluindo, eu gostaria de fazer uma pequena observação. Na década de '80, o editor da Universidade de São Paulo publicou *'Uma História das Ciências no Brasil'* em três volumes: havia um capítulo relativo à Matemática, que foi redigido pelo Chaim Samuel Hönig e pela Professora Elza Furtado Gomide. Dentre outras informações, este capítulo contém uma fotografia de um grupo de participantes do Primeiro Colóquio, com a identificação de cada uma das pessoas que aparecem na foto. Por falta de outra referência, esta foto tem sido considerada como uma foto de todos os participantes do Primeiro Colóquio. Uma análise ligeira, mostra que não é o caso, pois alguns dos participantes não fazem parte do grupo. Acho que seria interessante aproveitar essa oportunidade e registrar essa informação nos anais do V SNHM.

6. Alguns Aspectos da Sessão de Debates.

O Prof. Ubiratan D'Ambrosio, antes de abrir a sessão de perguntas da platéia, agradeceu muito aos meus amigos, professores, amigos e colegas que aceitaram o convite para fazer

parte daquela Mesa e lembrar esse evento que, como todos já disseram, é um momento talvez o mais importante da História da Matemática no Brasil.

1. O Prof. Sergio Nobre dirigiu à mesa as seguintes perguntas: A Sociedade de Matemática de São Paulo teve alguma atuação direta na organização do primeiro Colóquio?

O Prof. Chaim respondeu dizendo o seguinte: *Éramos tão poucos; a reunião toda tinha 49 pessoas. Então, em São Paulo, o Jacy, o Lyra e eu participando, a Sociedade Matemática de São Paulo estava participando. Mas, nós nem tínhamos preocupação com a formalização, não havia mesmo essa preocupação. O único aspecto formal, claro, foi lá, junto ao CNPq, com relação aos auxílios financeiros. O resto não! Não havia preocupação deste tipo.*

2. O Prof. Alberto de Azevedo começou a descrever um aspecto do Colóquio que considero de extrema importância: as conversas nos corredores do hotel. Esse momento especial em que se reuniam alguns professores e alguns de seus discípulos que queriam conversar pra saber das coisas da academia. Quero dizer o seguinte: pelo que percebo na participação em eventos me dá a certeza de que é muito importante esse momento de bate-papo num coquetel, num corredor. Gostaria de mais algumas palavrinhas sobre esse aspecto.

Novamente, quem respondeu o Prof. Chaim que disse o seguinte: *Quem não conhece o Palace Hotel, não pode fazer idéia. É um hotel muito grande, em dois aspectos que eu vou voltar: era um hotel de luxo, num lugar de luxo, um belíssimo local. E o Palace Hotel tinha um corredor de uns cinqüenta metros, lá no meio, e as pessoas sentavam ao lado do corredor, conversavam sim. Na verdade, não era muito agradável sair do Hotel por causa do frio que fazia. Então éramos forçados a falar sobre matemática. O segundo aspecto é o hotel de luxo local. O Palace Hotel em Poços de Caldas foi escolhido por exclusão. Não queríamos fazer lá. Escolhemos outro lugar, mas como não deu certo, o Palace foi lembrado. Aliás, é bom que se diga que a reação de alguns da comunidade foi algo do tipo 'Poxa vida. O CNPq vai pagar matemático pra fazer uma reunião num hotel de luxo, num lugar de luxo. Não era verdade, repito. O hotel era barato. O jogo tinha acabado e, então, o hotel estava às moscas. Foi uma questão de negociação e o hotel se colocou como opção viável.*

3. O Prof. João Bosco Pitombeira, da PUC-RJ, começou a sua participação no debate parabenizando a direção da SBHMat pela organização daquela mesa redonda. Para ele, segundo suas próprias palavras: *Foi uma oportunidade rara, e de grande emoção, estar diante de pessoas que atravessaram os tempos batalhando, num período decisivo, pela criação de uma comunidade matemática no Brasil. Considero que os matemáticos brasileiros têm um preito de gratidão muito grande aos membros da mesa que ajudaram a formar essa comunidade que, hoje, é de nível internacional.* Depois de ser aplaudido calorosamente por essas declarações, o Prof. Pitombeira disse que não tinha perguntas a fazer, e que, em vez disso, faria uma declaração que poderia ser comentada pelos membros da mesa. Salientou, então, o seguinte: *Dadas as dificuldades locais de comunicação que havia naquele período histórico, os matemáticos brasileiros se mantinham afastados em "pequenas ilhas". A criação dos Colóquios, além de aproximar esses cientistas nacionais,*

fez com que eles passassem a utilizar as mesmas nomenclaturas e terminologias matemáticas. Caso contrário, os termos estrangeiros teriam sido traduzidos diferentemente em cada uma dessas pequenas ilhas o que, seguramente, dificultaria muito a aproximação e a efetiva comunicação científica entre os membros da nossa comunidade de matemáticos. Nesse aspecto, os Colóquios foram decisivos para fixar uma linguagem matemática comum no país. Novamente aplaudido, o silêncio que se seguiu deixou evidente que nada se quis acrescentar à fala do Prof. Pitombeira.

4. Um aluno de graduação do IME-USP – que se apresentou como Everaldo – quis saber dos membros da mesa se o período político de ditadura militar, iniciado em 1964, teria afetado de algum modo a realização dos Colóquios. O Prof. Chaim observou que, como os departamentos de matemática de algumas universidades foram afetados pelo regime militar, certamente isso teria afetado os Colóquios de maneira indireta porque tal contexto político teria, possivelmente, dificultado a presença desses profissionais nos Colóquios. De modo direto, afirma o Prof. Chaim, não ocorrera qualquer tipo de ingerência por parte dos militares na realização dos Colóquios naquele período.

5. O Prof. Lindolpho que, por vários anos, a partir de 1965, exerceu a direção do IMPA, pôde dar alguns testemunhos a esse respeito. Declarou ele que os matemáticos brasileiros – de modo particular os do IMPA – eram pouco envolvidos com movimentos políticos. Desse modo, considera ele que a área de matemática teve apenas pequenos problemas localizados com o regime militar, realidade diferente do que aconteceu com a área de física, biologia, ciências sociais, entre outras. Aliás, lembrou o Prof. Lindolpho, a década de 1960 e 1970 foi muito boa em termos orçamentários e isso facilitou muito o acesso a recursos financeiros para financiar os colóquios, tanto no âmbito do BNDE (via Finep), como no próprio CNPq. A propósito, observou, ainda, que *o Colóquio de 1963 – antes, portanto, do golpe militar – é que foi o mais difícil de organizar. Dadas as dificuldades orçamentárias do CNPq, o quarto colóquio – como eu já disse, esteve a ponto de não poder ser realizado. Na última hora, felizmente, os recursos foram liberados e aquele colóquio pôde também ser realizado.* Portanto, o Prof. Lindolpho afirmou que, até onde ele sabia, o regime militar não teria feito qualquer tipo de interferência para a não realização desses eventos, situação oposta, por exemplo, segundo ele, vivida pela SBPC na organização de suas reuniões anuais porque as reuniões da SBPC, na opinião dele, tinham conotação política. Já os Colóquios, ratificou, sempre tiveram a característica de se preocupar estritamente com a questão profissional, sem qualquer envolvimento com discussões políticas.

Dado o adiantado da hora, o Prof. Ubiratan informou que estava dando encaminhamento para o fim dos debates. Antes, porém, fez algumas outras ponderações que também merecem registro. Para ele, os Colóquios sempre tiveram uma vocação explícita para encontros e discussões sobre pesquisas em matemática. Lembrou ele que, à época em que se realizou o primeiro colóquio, não havia condições propícias para a realização de pesquisas matemáticas nas instituições de ensino de engenharia. Portanto, os colóquios foram criados justamente para dar espaço para esse tipo de investigação científica. Não havia, no início, preocupação em se abrir espaço para debates sobre o ensino de matemática

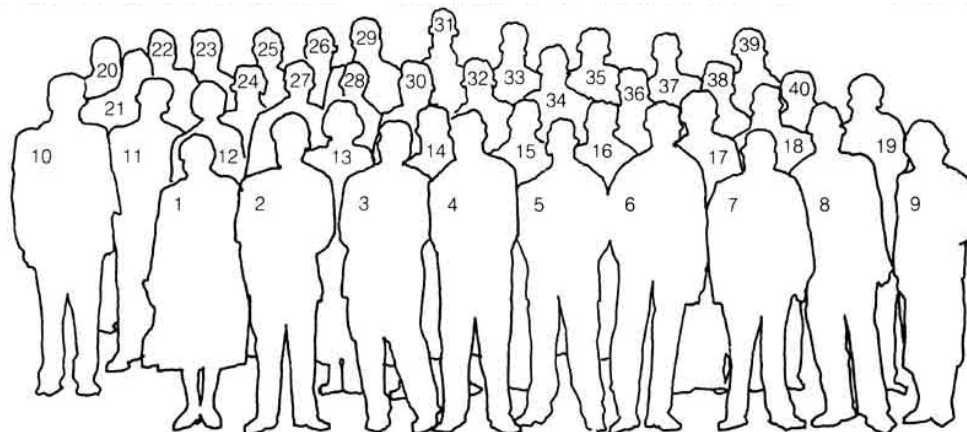
nem tampouco para a história da matemática. O Prof. Lindolpho pediu a palavra para complementar as colocações feitas pelo Prof. Ubiratan e esclarecer que a organização do Colóquio, no início, se preocupava também com cursos básicos de matemática. Com o tempo, devido ao surgimento de Cursos de Verão e de outros tipos de atividades, esses cursos básicos foram sendo deixados de lado e o Colóquio passou a ser realizado em apenas uma semana, se dedicando, então, intensamente, à pesquisa em matemática. Apesar disso, como observou o Prof. Lindolpho, há grandes reuniões paralelas aos Colóquios em que são discutidas questões de ensino com associações de professores de matemática. Portanto, assegura ele, que – ao contrário do que se possa pensar – não há desinteresse ou desprezo dos organizadores dos Colóquios pelo ensino de matemática. Para ele, o Prof. Ubiratan foi muito feliz em explicitar que os Colóquios têm a vocação para a pesquisa em matemática. De fato, são especializações que se vão desenvolvendo no país. Na verdade, o que tem acontecido é que os pesquisadores em história da matemática, por exemplo, promovem encontros visando os interesses próprios de seus trabalhos; o mesmo se dá com os pesquisadores em educação matemática e assim por diante. No caso dos colóquios, o interesse é a pesquisa em matemática. A Sociedade Brasileira de Matemática, que apóia a realização dos colóquios, também se preocupa com a educação matemática, tanto que publica livros com esse foco. Embora cada área se especialize, não há impedimento para a realização de trabalhos interdisciplinares.

Dada a exigüidade de tempo, e considerando que as discussões haviam sido ricas e extremamente importantes, o Prof. Ubiratan encerrou os debates da mesa redonda.

7. Fonte Consultada

Arquivo sonoro: gravação dos debates (em suporte áudio) ocorridos na mesa redonda intitulada “O PRIMEIRO COLÓQUIO BRASILEIRO DE MATEMÁTICA – 1957”, realizada no dia 14 de abril de 2003, de 14h30min às 18h, no Teatro do Centro Cultural Roberto Palmari - Rio Claro/SP, durante a realização do V Seminário Nacional de História da Matemática, organizado pela Sociedade Brasileira de História da Matemática - SBHM.

Detalhe da foto da primeira página:



- | | |
|--|---------------------------------------|
| 1. MARILIA CHAVES PEIXOTO | 21. CANDIDO LIMA DA SILVA DIAS |
| 2. CARLOS BENJAMIM DE LYRA | 22. GILBERTO FRANCISCO LOIBEL |
| 3. MAURICIO MATOS PEIXOTO | 23. CARLOS ALBERTO ARAGÃO DE CARVALHO |
| 4. CHAIM SAMUEL HÖNIG | 24. CONSTANTINO MENEZES DE BARROS |
| 5. DOMINGOS PIZANELLI | 25. MILTON CARVALHO MARTINS |
| 6. PAULO RIBENBOIM | 26. FRANCISCO CAVALCANTI |
| 7. ARY NUNES TIETBÖHL | 27. MANFREDO PERDIGÃO DO CARMO |
| 8. OMAR CATUNDA | 28. ELIANA FERREIRA ROCHA |
| 9. LISE RODRIGUES (SRA. A.A.M. RODRIGUES) | 29. ANTONIO GERVÁSIO COLARES |
| 10. JOSÉ DE BARROS NETTO | 30. JONIO PEREIRA DE LESMES |
| 11. DJAIRO GUEDES DE FIGUEIREDO | 31. NELO DA SILVA ALLAN |
| 12. ELZA GOMIDE | 32. NELSON ONUCHIC |
| 13. FRANCISCA TORRES | 33. UBIRATAN D'AMBRÓSIO |
| 14. LINDOLPHO DE CARVALHO DIAS | 34. ERNESTO BRUNO COSSI |
| 15. ALBERTO DE CARVALHO PEIXOTO DE AZEVEDO | 35. GEORGES REEB |
| 16. WALDYR MUNIZ OLIVA | 36. LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO |
| 17. MORIKUNI GOTO | 37. MANOEL TEIXEIRA DA SILVA FILHO |
| 18. ROBERTO FIGUEIREDO RAMALHO DE AZEVEDO | 38. RENZO PICCININI |
| 19. ALEXANDRE AUGUSTO MARTINS RODRIGUES | 39. ARTIBANO MICALI |
| 20. ANTONIO RODRIGUES | 40. FERNANDO FURQUIM DE ALMEIDA |

A foto e essas notas explicativas foram obtidas na seguinte fonte:

HÖNIG, Chaim Samuel. S. e GOMIDE, Elza Furtado. “*Capítulo 2 – Ciências Matemáticas*”. In: **História das Ciências no Brasil**. FERRI, Mário Guimarães; MOTOYAMA, SHOZO (Coords.). São Paulo: EPU - Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.